

Hospitais começam a receber medicamentos

Os hospitais públicos recebem hoje os primeiros lotes de medicamentos, equipamentos e material de consumo de primeira necessidade comprados para normalizar o atendimento na rede de saúde. A compra foi possível graças ao pedido de suplementação orçamentária, feito pelo governador Joaquim Roriz e aprovado em regime de urgência pela Câmara Legislativa, na última quarta-feira. O GDF precisou utilizar recursos próprios, no valor de CR\$ 853 milhões, 204 mil porque os repasses do Governo Federal, através do Sistema Unificado de Saúde, chegam com atraso e são insuficientes para cobrir todos os custos com atendimento.

Segundo o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, hoje os diretores da Fundação Hospitalar se reúnem pela terceira vez para fechar, o conjunto de medidas necessárias, para tirar os hospitais do desabastecimento.

Ontem foram listados os medicamentos mais usuais e necessários para atender, em um primeiro momento, os prontos-socorros, as UTIs e a área de internação.

“Com esta verba e mais a liberação de uma complementação orçamentária de CR\$ 628 milhões que ainda esta semana deve ser repassada pelo Ministério da Saúde, “conseguiremos repor os estoques da FHDF até fevereiro”, explicou o secretário de saúde, Carlos Sant'Anna acrescentando que esta situação só será resolvida de forma definitiva através da adoção de medida sistêmica.

Essa medida consiste, por exemplo, em não estipular um teto para pagamento sem levar em conta o número de atendimentos feitos. A União repassaria os recursos mediante o atendimento comprovadamente realizado. Essa tese, segundo o secretário é aceita pelo Ministério mas difícil de ser colocada em prática porque trata-se de um parâmetro nacional.

Problemas — É justamente a defasagem entre o pagamento feito pelo Ministério da Saúde e o atendimento realmente efetuado a causa dos problemas vivenciados pela rede hospitalar pública do DF. “Enquanto recebemos o

equivalente a um milhão 600 mil atendimentos/ano, a FHDF presta assistência ao triplo desse número”, disse o secretário. Segundo Sant'Anna as estatísticas mostram que a cada ano aumentam os atendimentos prestados pela FHDF.

“Não podemos fazer uma muralha em torno do DF e vamos atendendo a todos que nos procuram. Só que no final do ano a defasagem acumulou de tal forma que não dá mais para tapar os buracos que foram sendo feitos no estoque no decorrer do ano”, explica Sant'Anna, acrescentando que já estão sendo negociados CR\$ 444 milhões com o Governo Federal para serem liberados primeiros dias de janeiro. A medida é mais preventiva, disse o secretário, “já que não podemos alterar a forma de repasse adotada e que de vez em quando exige que o GDF funcione como um marcapasso que entra em ação quando o “coração começa a pifar. Sant'Anna admite ainda que o GDF não tem como bancar o custeio da FHDF que, em outubro foi de CR\$ 1 bilhão.